



Além da Hard Science e do Bem Estar: a possibilidade de uma Divulgação Científica de Cunho Social¹

Rafael Duarte Oliveira VENANCIO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
Centro de Estudos da Metrópole, São Paulo, SP

RESUMO

Na atual produção em Divulgação Científica, podemos encontrar dois tipos distintos de notícias: aquelas produzidas baseadas nas últimas novidades que a *Hard Science* demonstrou e aquelas produzidas pensadas no público-leitor e em seu cotidiano de busca de saúde e de bem-estar. No presente artigo, buscamos teorizar acerca dessas correntes utilizando o arcabouço teórico da Sociologia do Conhecimento e verificar a possibilidade da existência de uma terceira corrente: uma Divulgação Científica de Cunho Social, que busca não só a produção da difusão do conhecimento, mas também quer “desmoronar o muro” que impede o acesso das chamadas periferias do conhecimento à informação e ao conhecimento produzidos pelos centros de poder do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Científico; Divulgação Científica; *Hard Science*; Bem-estar; Cunho Social

Atualmente os estudos teóricos da Divulgação Científica se dividem em dois campos: (1) a análise, através de diversas teorias como Jornalismo Comparado ou Análise do Discurso, do material de DC; e (2) a reflexão acerca das questões de acesso do público, geral e/ou periférico, à produção científica através do material em DC. No entanto, ainda falta um estudo em Divulgação Científica que una essas duas tendências.

Sobre a questão do acesso, dedicamos diversos trabalhos focados na figura do Divulgador-divulgando. Ele, uma posição de diálogo entre os centros de poder do saber e as periferias do conhecimento, representa, de certa forma, como o jornalista ou o divulgador científico pode fazer desmoronar o “muro” que impede o acesso à informação e ao conhecimento por aqueles que estão às margens (VENANCIO 2007).

Agora falta incluir um estudo que leve em conta o material de Divulgação Científica em si: as notícias de ciência. Só que não podemos fazer um estudo tradicional em Ciências da Comunicação acerca de tal objeto. Até porque já o fizemos

¹ Trabalho apresentado no GT – Teorias da Comunicação, do Iniciacom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Graduando em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e bolsista de Iniciação Científica do Centro de Estudos da Metrópole do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEM-CEBRAP) com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Também é autor do livro *Difusão Metropolitana e Divulgação Científica* (Ed. Plêiade, 2007). E-mail: rdov1601@yahoo.com.br



anteriormente quando pensamos a questão dos valores-notícia e sua relação com os decálogos da Divulgação Científica no trabalho citado acima.

Outro fator também deve ser levado em consideração. Nossa reflexão acerca do Divulgador-divulgando e das periferias do conhecimento nos levaram a questões sociocomunicacionais como a do acesso à informação e ao conhecimento e como a relação desse acesso como o território.

Assim, para a nossa reflexão acerca do material de Divulgação Científica, podemos buscar também inspirações sociológicas. Mas, no entanto, fica uma pergunta: qual campo da Sociologia devemos utilizar?

Ora, partindo da visão contemporânea de que a Divulgação Científica é parte integrante da Ciência, podemos buscar analogias e metáforas nos estudos de correntes científicas proporcionadas pelo ramo da Sociologia do Conhecimento. Talvez possamos ver, assim, que a produção de notícias de Ciência e de outros materiais de DC também são influenciados pelas visões que temos e pregamos acerca do campo científico.

Pensando na divisão e nas diretrizes feitas por Michael Löwy em *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*, podemos dividir também a produção em DC em três grandes linhas para buscarmos uma produção crítica em DC (objetivo análogo ao de Löwy que busca uma sociologia crítica do conhecimento nesse livro). São elas: *Hard* Divulgação Científica ou Divulgação Científica Dura (análogo ao positivismo descrito por Löwy), a Divulgação Científica do Bem Estar (análogo ao historicismo/relativismo) e a Divulgação Científica de Cunho Social (análogo ao marxismo).

Dessa forma, buscamos aqui com a união dessa reflexão de modelos de produção em DC juntamente com as periferias do conhecimento e a questão do acesso; ou seja, a mesma perspectiva, só que em Divulgação Científica, proposta por Löwy: “estudo das relações entre classes ou categorias sociais e conhecimento científico da sociedade” (LÖWY 1996: 14).

1. Hard Divulgação Científica ou Divulgação Científica Dura

Quando Michael Löwy descreve as premissas que estruturam as concepções positivistas no domínio das ciências sociais, ele afirma que nesse “sistema” coerente e operacional:



(1) A sociedade é regida por leis naturais, isto é, leis invariáveis, independentes da vontade e da ação humanas; na vida social, reina uma harmonia natural. (2) A sociedade pode, portanto, ser epistemologicamente assimilada pela natureza (o que classificamos como “naturalismo positivista”) e ser estudada pelos mesmos métodos, *démarches* e processos empregados pelas ciências da natureza. (3) As ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre de julgamentos de valor ou ideologias, descartando previamente todas as prenoções e preconceitos (LÖWY 1996: 17).

Essas três premissas possuem algumas semelhanças com algumas características sobre o jornalismo já mencionadas em diversos estudos da área. Talvez a maior semelhança entre o jornalismo e a concepção positivista de ciências sociais seja o ideal de objetividade e neutralidade.

Então, para as notícias de Ciência, estamos pensando em uma condição de produção aonde não há diferenciação entre produzir notícia de Ciência ou de Política ou de Local ou de qualquer outra editoria presente nos jornais. Isso, dentro da editoria de Ciência, possui um adicional: a alta presença de temas de *hard science* (notavelmente as ciências da natureza) passa para os jornalistas a sensação que sua matéria é uma *hard* notícia.

Assim surge um modelo de produção que podemos denominar de *Hard* Divulgação Científica ou Divulgação Científica Dura. Utilizamos aqui o termo “Dura”, pois a tradução mais comum do termo *hard sciences* para o português é “ciência dura”. Para um exemplo, ver LESSARD 2006.

Poderíamos utilizar o termo “da Natureza” (em uma menção entre a distinção entre ciências da natureza e ciências da sociedade/espírito), no entanto, isso causaria dois problemas jornalísticos: (1) confusão de que haveria apenas matérias de meio ambiente e afins; e (2) excluiria a presença de matérias sobre Ciências Humanas estatísticas que podem habitar o *locus* da *Hard* Divulgação Científica nas páginas dos jornais.

Aliás, o lugar da Divulgação Científica Dura é bem definido nas páginas dos jornais. Eles estão, por exemplo, nas editorias *Folha Ciência* e *Folha Mais!* (do jornal *Folha de S. Paulo*); na editoria *Ciência & Vida* (do jornal *O Globo*); e em subeditorias do caderno *Vida&* (do jornal *O Estado de S. Paulo*). Quando não possuem uma editoria ou caderno fixo, elas aparecem nas editoriais de Internacional, quando a pesquisa é estrangeira, ou de Local, quando se trata de atividades científicas brasileiras.



As duas características principais da concepção de pauta e da elaboração da notícia podem ser retiradas das afirmações de Löwy: (1) “devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos”; e (2) “de forma objetiva, neutra, livre de julgamentos de valor ou ideologias, descartando previamente todas as prenoções e preconceitos” (LÖWY 1996: 17).

Começaremos nossa análise pelo segundo item, cuja concepção toca em uma questão muito cara ao jornalismo: a diferenciação entre opinião e informação dentro das páginas dos jornais. Após percorrermos essa questão, podemos ir para o primeiro item que toca em duas questões: a busca recente pela proximidade com os leitores e a questão do acesso à informação e ao conhecimento por aqueles que estão às margens.

1.1. Objetividade e Neutralidade nas Notícias de Ciência

“O jornal, como um todo, tem opiniões sobre os assuntos que publica e as expressa em editoriais. O noticiário, por isso, deve ser essencialmente informativo, evitando o repórter ou redator interpretar os fatos segundo sua ótica pessoal” (MARTINS 1997: 204). Esse trecho, retirado do *Manual de Redação e Estilo d’ O Estado de S. Paulo*, caracteriza bem a divisão “senso comum” entre informação (imparcial) e opinião (parcial) nas páginas dos jornais.

No entanto, Clóvis Rossi pontua que o *Manual da Redação* do jornal *Folha de S. Paulo* “foi o primeiro livro-texto oficial a reconhecer as dificuldades para a prática da objetividade” (ROSSI 2005: 12). O verbete “objetividade” do referido manual afirma que:

Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. Para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a forma, as circunstâncias e as repercussões, o jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse. Consultar outros jornalistas e pesquisar fatos análogos ocorridos no passado são procedimentos que ampliam a objetividade possível (FOLHA DE S. PAULO 2001: 45-6).

Apesar do fato de que verbete é uma pá de cal no ideário da objetividade no jornalismo, o próprio *Manual da Redação* da *Folha* comete dois “atos falhos” na questão. O primeiro deles, contido no verbete “notícia”, chega até a apagar o feito do verbete “objetividade”. Diz ele que notícia é o “puro registro dos fatos, sem opinião. A exatidão é o elemento-chave da notícia, mas vários fatos descritos com exatidão podem



ser justapostos de maneira tendenciosa. Suprimir ou inserir uma informação no texto pode alterar o significado da notícia. Não use desses expedientes” (FOLHA DE S. PAULO 2001: 88).

Ora, em poucas linhas, a *Folha* quis dizer que: (1) a notícia é o puro registro dos fatos; (2) não cabe opinião na feitura desses registros; (3) a exatidão é o elemento-chave para fazer uma notícia; (4) mas só exatidão não basta, pois os fatos podem ser justapostos tendenciosamente, ou seja, com opinião; (5) suprimir ou inserir informações muda o significado da notícia; e (6) assim, não use desses expedientes, pois você estará emitindo opinião, inaceitável em uma notícia.

Ou seja, apesar da *Folha* afirmar que “não existe objetividade em jornalismo”, ela cobra que seu principal material, a notícia, seja feita objetivamente. O mesmo vale para as reportagens que, segundo a *Folha*, “têm por objetivo transmitir ao leitor, de maneira ágil, informações novas, objetivas” (FOLHA DE S. PAULO 2001: 24).

Assim, segundo o *Manual de Redação*, a “Opinião da *Folha*” é “expressa em editoriais não assinados, que são publicados na segunda página do jornal” (FOLHA DE S. PAULO 2001: 114). Já as notícias são feitas pelo “jornalismo crítico”, princípio editorial da *Folha*, que afirma que “mesmo sem opinar, é sempre possível noticiar de forma crítica” (FOLHA DE S. PAULO 2001: 44).

As notícias de Ciência também não escapam a esse arcabouço teórico, mas, como já dissemos, a alta presença de *hard science* somados a tal *background* jornalístico cria *hard* notícias em Ciência. Cria-se aí um problema análogo ao das concepções positivistas nas ciências da sociedade, ou seja, o ideário das ciências da natureza (e suas leis imutáveis) é transposto tal e qual para as ciências do espírito.

Surge, no jornalismo científico, um jornalista que age tal qual o sociólogo proposto por Durkheim. Ele afirmava “que o sociólogo se coloque no estado de espírito no qual estão físicos, químicos, fisiólogos, quando se debruçam sobre uma região ainda inexplorada de seu domínio científico” (DURKHEIM 1956: 14 – tradução minha). Aqui se faz necessário, a observação de Michael Löwy sobre essas premissas positivistas:

Como o pesquisador em ciências sociais pode se colocar no estado do químico, se o objeto de seu estudo, o conhecimento da sociedade, é também objeto de um combate político acirrado, onde se enfrentam as ideologias, os “preconceitos passionais”, as concepções de mundo, os interesses sociais radicalmente opostos? A resposta de Durkheim (...) em outros termos: o sociólogo deve “ignorar” os conflitos ideológicos, “fazer calar todas as paixões e preconceitos” e “afastar sistematicamente todas as prenoções”. Ele deve “cercar-se de todas



as precauções possíveis contra as influências irracionais” e opor a estas paixões “ a serenidade e a imparcialidade científicas”, o “sangue-frio”. (LÖWY 1996: 30).

Posto isso, vale a pena também saber a opinião de Löwy acerca dessas diretrizes. Ele afirma que Durkheim

é, aliás, a prova mais incontestável de que a “boa vontade” e o ardente desejo de ser objetivo, a serenidade, o sangue-frio, a calma e todas as “precauções sistemáticas” não são suficientes para “afastar os preconceitos” – em seu caso conservadores e contra-revolucionários... Como A. Comte, Durkheim não via nenhuma contradição, nenhuma incompatibilidade entre a tendência conservadora de seu método (que ele reconhecia) e a neutralidade ou imparcialidade científica (que ele reivindicava): é bastante sinceramente que ele acreditava na sua sociologia livre de toda “paixão” ou prenoção, porque a legitimação da ordem estabelecida lhe parece decorrer da constatação estritamente objetiva de certas “verdades elementares”. Ora, o problema das ciências sociais é precisamente que o que para alguns é “verdade elementar” não é para outros senão um preconceito e vice-versa (LÖWY 1996: 31).

Ora, em relação às notícias de Ciência, podemos verificar que os jornalistas na *Hard* Divulgação Científica se deixam levar pelas “verdades elementares” na produção de pautas. Um bom exemplo, que já foi estudado aqui, mas vale a pena retomá-lo, é da matéria sobre vitaminas, analisada por Luiz Fernando Santoro:

informações como as que o “Fantástico” apresentou no dia 7-2-82, como matéria de fundo, sobre os perigos do uso indiscriminado das vitaminas. Tal matéria foi alvo de severa crítica pelo jornal *Folha de S. Paulo* enquanto causadora de apreensão naqueles que são obrigados a se utilizar de vitaminas. Mas o aspecto que gostaríamos de abordar aqui é relativo à solução apontada pelo programa de TV: prescindir de vitaminas a partir de uma rica alimentação. Uma solução relativamente simples para a sociedade norte-americana onde a fome não é o principal problema. Para a realidade brasileira, onde a maior parte da população está bem distante de escolher sua alimentação, principalmente quanto à riqueza dos alimentos, caberia ao repórter não deixar de lado o aspecto social do problema em nome de uma objetividade científica e ao menos procurar adaptar a reportagem à nossa realidade (SANTORO 1982: 105-6).

Assim, voltamos ao primeiro item que afirma que as ciências da sociedade (e, no nosso caso, a Divulgação Científica), em sua concepção positivista, “devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos”. Seria essa a função das notícias de ciência ou “caberia ao repórter não deixar de lado o aspecto social do problema em nome de uma objetividade científica e ao menos procurar adaptar a reportagem à nossa realidade” (SANTORO 1982: 106)?



1.2. Mera Explicação Científica ou Componente do Cotidiano?

A questão de procurar adaptar a reportagem de Ciência à nossa realidade não é um pensamento recente. Na realidade, ela existe desde o início do chamado “jornalismo científico” com a criação da publicação *Philosophical Transactions*, em maio de 1665, por Henry Oldenburg. A iniciativa logo se espalhou, sempre com temas cotidianos:

Muito do que era publicado por estes editores podia ser compreendido por qualquer pessoa pouco letrada da época. Esse tipo de comunicação científica foi repetido nas colônias britânicas da América do Norte e versavam sobre relatos de febre, calafrios e da varíola. Foram publicados no *Publick Occurrences* de Boston em 1690. Benjamin Franklin escreveu um relato de suas experiências com papagaios e relâmpagos na edição de 19 de outubro de 1752 na *Pennsylvania Gazette* (GIACHETI 2006: 27).

No entanto, em 1880, com a profissionalização da ciência houve um embate entre cientistas amadores e profissionais. Segundo Warren Burkett, foi nesse período que surgem as notícias de pseudociência. Na verdade, ser de pseudociência não significava que elas eram totalmente falsas, mas os jornalistas, “com o objetivo de despertar o interesse dos leitores freqüentemente enfeitavam suas matérias com o bizarro e o imaginário” (BURKETT 1990: 32).

Dessa forma, surge um temor acerca da chamada “popularização” ou “vulgarização” da Ciência, que são formas de denominar a Divulgação Científica utilizadas até hoje no Hemisfério Norte (no entanto, cada vez mais a expressão “Entendimento Público de Ciência” está sendo utilizada para designar a DC). Assim,

a promoção de matérias sensacionalistas sobre ciência e a “pseudociência” provocou um estrago nas relações entre os profissionais da comunicação e os pesquisadores. O trauma foi tão grande, entre os pesquisadores, que mesmo depois de décadas e do surgimento de jornalistas especializados em ciência contava-se boca-a-boca os “horrores” de se ter os trabalhos veiculados pelos meios de comunicação de massa (GIACHETI 2006: 28).

No entanto, a forma encontrada de quebrar essa barreira foi o surgimento de jornalistas profissionais especializados em Ciência e o crescente interesse dos próprios cientistas em divulgarem por si mesmos. Esses modelos de ação, do jornalista/divulgador científico usual e do cientista-divulgador (VENANCIO 2007: 101-11), combinados com a inserção das concepções positivistas, tradicionais nas ciências



da natureza, no campo das atividades humanas, provocam matérias deslocadas da realidade/imaginário social que caracterizam a *Hard* Divulgação Científica.

Para perceber como esse tipo de matéria em Ciência ainda está em voga e não é apenas um caso isolado, basta checar as grandes seções de Ciência citadas anteriormente. Por exemplo, no mês de agosto de 2007, a editoria *Ciência*, da *Folha de S. Paulo*, publicou, no total, 95 matérias de Ciência (sendo 8 artigos assinados pelos colunistas Marcelo Coelho e Marcelo Leite e o restante notícias).

As notícias que podem ser caracterizadas como *Hard* Divulgação Científica (simples explicação e nenhum traço evidente de opinião) somam 69,5% das matérias. Dentro das notícias apenas, elas somam 75,9%. Assim, as notícias de Ciência próximas da realidade social possuem a proporção de 1 em 4, sendo que a maioria delas trata de questões ambientais.

No entanto, a *Folha de S. Paulo*, com o slogan de que cada leitor lê a sua *Folha*, também possui mais um espaço para notícias de Ciência, cujo valor-notícia é a proximidade. Não o valor-notícia tradicional da proximidade que diz que “um acidente de aviação com duas vítimas mortais em Cascais poderá ser notícia num jornal de Lisboa, e possivelmente, mas com maior dificuldade, num jornal do Porto, mas dificilmente num país estrangeiro” (TRAQUINA 2005: 80).

Mas, sim o valor-notícia da proximidade com leitor, onde o jornal é conselheiro e dá dicas para a vida de seu público. As notícias de Ciência podem entrar nessa concepção e, através da divulgação de pesquisas, ajudam a vida das pessoas. É a Ciência, através do noticiário, ajudando na busca do bem estar das pessoas.

2. Divulgação Científica do Bem Estar

Como um jornal que afirma sua pluralidade através do slogan “Assine uma, leve várias e leia a que você quiser” e o princípio editorial do “a serviço do leitor”, a *Folha de S. Paulo* também possui um pé fora da *Hard* Divulgação Científica. Isso é representado pelo Caderno *Equilíbrio* e suas notícias de Ciência que buscam dicas de qualidade de vida. Qualidade de vida, tal como

expressa na **Folha Equilíbrio** parece nortear-se pela idéia de que qualidade de vida pode ser entendida como o equilíbrio humano entre o “estar bem” e o “sentir-se bem”. Sob este eixo condutor, as matérias organizam-se em torno do que estamos aqui chamando de “estratégias de bem viver”, ou, em outras palavras, o **Suplemento** pode ser entendido como um conjunto de informações, propostas e sugestões de conquista pessoal de aperfeiçoamento das condições



de vida. Dado que se trata de conquista pessoal, parece lógico que o **Caderno** enfatize o corpo e suas manifestações – os sinais de saúde e de doença – pois é através dele que emergimos enquanto seres autônomos, comunicadores e criativos, enfim, é através dele que nos constituímos como individualidade (ANDRADE, WILK & VASCONCELOS 2004: 59).

Orientado por essas premissas, a *Folha Equilíbrio* faz um Divulgação Científica do Bem Estar. Aqui a primeira premissa é que a Ciência deve ser para a melhoria social (claro que, de certo modo, para uma melhoria individual) da vida, proporcionando bem estar.

Para esse tipo de DC, a Ciência, representada na notícia, tem que estar a serviço do bem estar, mesmo que seja contraditório com outras pesquisas científicas. Um exemplo retirado da *Folha Equilíbrio* de 12 de setembro de 2002:

Em artigo de capa, sob o título “Contra Gravidez e TPM”, o **Suplemento** trata dos “novos contraceptivos de uso contínuo, que prometem acabar com os transtornos que a menstruação costuma acarretar”. Na matéria, uma das entrevistadas diz: “*Eu quero me ver livre da irritação, das cólicas e da enxaqueca que sinto antes de menstruar. Não acredito em alguns mitos sobre a menstruação, como ser importante para ‘limpar’ o corpo da mulher*”. A busca do bem estar (da qualidade de vida, por que não?) está sendo oferecida aí através de um padrão de intervenção científica que, parece-nos, deva ser relativizado uma vez que não há unanimidade entre especialistas quanto a estes tipos de tratamento (ANDRADE, WILK & VASCONCELOS 2004: 61).

No entanto, essa Divulgação Científica do Bem Estar convive com outras matérias de Variedades – ou de Comportamento, como preferimos chamar, pois elas transmitem dicas e padrões de comportamento para os leitores interessados – no mesmo caderno e até mesmo na mesma folha ou na mesma notícia. Por exemplo, na *Folha Equilíbrio* de 5 de dezembro de 2002, que publicou uma notícia sobre saliva artificial, teve como destaque de capa

o que as empresas vem chamando de demissão humanizada. Reconhecendo que o desemprego não atinge apenas as finanças do indivíduo, mas afeta sua auto-estima, sua segurança e até a sua estrutura familiar, as empresas oferecem o que a matéria chamou de “*kit benefícios*”, como forma de aliviar a nova vida do desempregado. “A prorrogação da assistência médica, uma bonificação em dinheiro, o direito de utilização do carro da empresa (se ele já o utilizava) e um auxílio para o pagamento do aluguel” são alguns destes benefícios (ANDRADE, WILK & VASCONCELOS 2004: 61).

Essa junção, de certa forma, serve para transmitir os padrões da instituição (*Folha*) e da época em relação ao bem estar. Assim, uma das funções dessas notícias de



Ciência é buscar nos convencer. Isso fica muito mais claro quando analisamos o citado destaque de capa de 05/12/2002:

A análise de Santos revela o lugar do discurso da *mídia* na sociedade atual. Para ele, “(...) a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer”. Assim, por exemplo, se olharmos novamente para o **Suplemento** que trata da demissão humanizada, agora sob o enfoque de Santos, obteremos, como leitores, informações importantes sobre os benefícios que as empresas cedem aos demitidos, até para nos inteirarmos de como nossa realidade concreta de trabalho se posiciona frente a esta questão. Mas há também uma mensagem indireta que deseja nos convencer de que “em épocas de crise a demissão é inevitável”, levando-nos, talvez, a adotar uma certa passividade diante do fato, pois, parece, nada se pode fazer a não ser nos acomodarmos à melhor forma de sermos demitidos (ANDRADE, WILK & VASCONCELOS 2004: 66-7).

Além dessa função de convencimento, a Divulgação Científica do Bem Estar fica à mercê de certas “modas” de qualidade de vida, sendo muitas delas relacionadas às notícias de Ciência. A principal consequência disso é a presença de informações científicas contraditórias dentro de um mesmo veículo em um curto espaço de tempo.

Um exemplo retirado da *Folha de S. Paulo*: no dia 24 de junho de 2007, na seção “Mais Saudável”, a pergunta do “Mito ou verdade” era: “A margarina é mais saudável que a manteiga?”. A resposta foi simples:

Mito. De fato, a margarina tem baixo teor de gordura saturada, mas não é livre da gordura trans, presente em produtos industrializados. Segundo a nutricionista do Ganep, Viviane Hafez, o organismo transforma essa gordura em colesterol. “Nesse sentido, pode ser tão maléfico quanto”, diz (FOLHA DE S. PAULO 2007a).

No entanto, no dia 20 de setembro de 2007, o leitor Thiago Magalhães, de Lavras-MG, manda uma pergunta que parece confirmar a resposta de três meses atrás:

Sempre achei que a margarina fosse menos prejudicial à saúde do que a manteiga. Mas recebi um e-mail que comparava a margarina a plástico derretido e dizia que a manteiga era melhor. Independentemente do sabor, gostaria de informações sobre as duas opções (FOLHA DE S. PAULO 2007b).

Mas a resposta dada não seguiu o antecedente noticioso fornecido pelo próprio jornal:



Segundo Tatiana Alvarez, nutricionista do Imen (Instituto de Metabolismo e Nutrição), a manteiga, proveniente do leite integral, tem gordura saturada, o que favorece o aumento do colesterol. Já a margarina, obtida de óleos vegetais, costumava ter em sua composição gordura hidrogenada (gordura trans) – a pior para o organismo. Mas, atualmente, grande parte das margarinas passa por um processo de interesterificação, que retira a gordura trans. "Comercialmente, podemos encontrar essas margarinas com consistência cremosa", diz Alvarez, ressaltando que essa é a melhor opção. A margarina também tem gordura poliinsaturada, que reduz o colesterol sérico (FOLHA DE S. PAULO 2007b).

Só que anteriormente, a *Folha de S. Paulo* tinha noticiado o substituto da gordura *trans* nas margarinas fazia tão mal quanto a substituída.

"Sem gordura trans" é outra mensagem comum nas embalagens. Prejudicial à saúde, ela deve ser evitada. Mas uma pesquisa divulgada na "Nutrition and Metabolism" defende que a gordura interestificada (que tem substituído a trans) também é ruim. Segundo a pesquisa, a gordura interestificada enriquecida com ácidos esteáricos afeta o colesterol e o açúcar no sangue. Segundo a nutricionista Raquel Botelho, da UnB, outras pesquisas mostram que as interestificadas não são fazer mal à saúde, e ainda é cedo para afirmar o contrário (FOLHA DE S. PAULO 2007c).

A antinomia presente nas notícias da Divulgação Científica do Bem Estar nos faz lembrar de outra corrente demarcada por Michael Löwy: o historicismo. Tal qual fez com o positivismo, ele demarcou as premissas essenciais dessa corrente:

(1) Todo fenômeno cultural, social ou político é histórico e *não pode ser compreendido senão através de e na sua historicidade*. (2) Existem diferenças fundamentais entre os fatos naturais e os fatos históricos e, conseqüentemente, entre as ciências que os estudam. (3) Não somente o *objeto* da pesquisa está imerso no fluxo da história, mas também o *sujeito*, o próprio pesquisador, sua perspectiva, seu método, seu *ponto de vista* (LÖWY 1996: 65-6).

Apesar de essas premissas serem, à primeira vista, antagônicas às concepções positivistas nas ciências da sociedade, o historicismo, mesmo considerando o fato de que o ponto de vista é histórico, possui uma posição análoga ao positivismo.

Nos dois casos, o ponto de vista próprio (ou a ideologia) faz parte do campo-percebido-como-evidente e não são considerados "tendenciosos" ou axiologicamente engajados. Para os dois, sua perspectiva decorre da "ordem natural das coisas", *natural* significando para os positivistas a harmonia das leis naturais eternas da vida social e, para os historicistas conservadores, o crescimento histórico "orgânico" das instituições (LÖWY 1996: 69).



No entanto, essa posição dos historicistas leva a um relativismo ou, como afirma Raymond Aron, essa *démarche* de pesquisa o fazem “cair em um relativismo histórico integral, cuja sociologia do conhecimento não é senão a tradução que se diz científica” (ARON 1935: 66 – tradução minha). Tais críticas, pensadas analogamente à Divulgação Científica do Bem Estar, criam alguns percalços a esse tipo de notícias de Ciência.

O primeiro deles seria a construção de pautas de acordo com a “moda” da época (análogo ao tempo histórico). Isso significa que as notícias de Ciência, inclusive aquelas sobre fatos antigos, dizem mais sobre a época atual. Para ver esse movimento, basta lembrarmos das principais pautas de qualidade de vida na mídia.

Nos anos 80, a questão das vitaminas e suplementos alimentares estava em alta. No entanto, nos anos 90, surge a tendência das dietas, saindo uma nova “fórmula” a cada edição. A temática das vitaminas não some, mas fica condicionada às dietas.

Já na primeira década do século XXI, a pauta se foca na questão da gordura *trans* e dos antioxidantes. Novamente, as duas temáticas anteriores não somem, mas ficam incorporados a uma alimentação sem gordura *trans* e rica em flavonóides (o tipo de antioxidante do momento).

Mas, como diz o segundo percalço, todas essas notícias, mesmo estando de acordo com a ciência do tempo histórico delas, são relativas. Isso é possível de observar nos exemplos citados da margarina/manteiga e em outros como o fato de não saber se apenas o consumo de flavonóides basta para realizar as benesses ou é necessário o consumo deles juntamente a uma alimentação saudável (STAUTH 2007).

Isso não significa que a Divulgação Científica do Bem Estar divulga mentiras. Esse tipo de DC, em sua busca de proximidade com o leitor, acaba sendo ingenuamente levada a modismos e a incentivar a qualidade de vida do *status quo* com a divulgação de produtos especiais e “orgânicos” que são inacessíveis a boa parte da população.

Assim, a busca da proximidade deve ser feita de uma maneira crítica, ou seja, utilizar as notícias de Ciência para aproximar aqueles que estão distantes dos direitos de acesso à informação, ao conhecimento e à qualidade de vida. Esse tipo buscado é o que chamamos nesse trabalho de Divulgação Científica de Cunho Social.

3. Divulgação Científica de Cunho Social

A escolha do termo “cunho social” ao invés do termo “crítico” não significa uma tentativa de separar esse tipo de Divulgação Científica do marxismo, sua corrente “análoga” no trabalho de Löwy. Não usamos “crítico” aqui porque tanto a *Hard*



Divulgação Científica quanto a Divulgação Científica do Bem Estar podem ter instâncias críticas, mesmo que essas fiquem em uma instância senso comum ou até falaciosa do termo.

O que esse terceiro tipo, o tipo buscado, possui (e os outros não) é uma atenção especial para o ponto de vista daqueles que estão às margens da informação e do conhecimento. Algo que transforme as notícias de Ciência em objeto cognoscente para as periferias.

Devido o curto caráter desse artigo e o fato de que a pesquisa no qual ele é baseado não terminou, verificamos aqui apenas a possibilidade da existência de uma Divulgação Científica que, ao fazer suas notícias, acaba por pensar na questão do acesso das periferias ao conhecimento e à informação. Podemos adiantar aqui um pouco mais da influência análoga da análise do marxismo por Michael Löwy, além de tratar das estratégias e dos riscos de falseamento.

Falseamento aqui significa o risco de dizer que fazemos a Divulgação Científica de Cunho Social, mas acabamos por fazer algo muito pior do que as antigas notícias de pseudociência. Isso seria algo análogo à instituição de uma “ciência oficial” feita por Stalin em 1948 durante o caso Lyssenko.

Como Löwy analisa, a instituição por decreto do DiaMat (materialismo dialético stalinista), redigido e instituído por Stalin em 1931, e a negação da genética mendeliana por não estar “do lado de cá da barricada, com o nosso partido, com nossa ciência soviética” (LYSSENKO citado por LÖWY 1996: 171) só produziam pseudociência. Era um contexto que havia

Muito que indicava que a hostilidade soviética à genética mendeliana é devida, pelo menos em parte, ao fato que a genética está preocupada com problemas de hereditariedade no homem assim como nas plantas e nos animais. Os russos, como muitos outros que estão envolvidos com visões simplistas dos problemas sociais, não querem complicações biológicas (ZIRKLE 1949: 29).

Assim, não podemos deixar que a busca pela solução de problemas sociais mude os resultados científicos que devemos divulgar. O que devemos fazer, enquanto jornalistas divulgador-divulgandos, é buscar o diálogo e a inclusão das diversas periferias do conhecimento na esfera pública relevante dos centros de poder do saber.

A discussão acerca da Ciência não deve apenas ficar nas universidades ou nos locais onde pessoas com ensino e acesso privilegiado transitam. A Ciência deve ser discutida na periferia, com pontos de vista da periferia e com diálogo entre periferia-



centro de poder. Só com esse enfoque pré-pauta que as notícias de Ciência poderão ser encaixadas na Divulgação Científica de Cunho Social.

Mantendo a linha de pensamento de Löwy, mas com a breve referência Marcuse-Benjamin de “esperança nos desesperançados” (MARCUSE 1967: 235), ficamos com um parágrafo que servirá de ponto de partida para a continuidade da reflexão da possibilidade de uma Divulgação Científica de Cunho Social:

Quanto a nós, pensamos que o ponto de vista potencialmente mais crítico e mais subversivo é o da última classe revolucionária, o proletariado. Mas não há dúvida de que o ponto de vista proletário não é de forma alguma uma garantia suficiente do conhecimento da verdade social: é somente o que oferece a maior possibilidade objetiva de acesso à verdade. E isso porque a verdade é para o proletariado uma arma indispensável à sua auto-emancipação. As classes dominantes, a burguesia (e também a burocracia, em um outro contexto) têm necessidade de mentiras e ilusões para manter seu poder. Ele, o proletariado, tem necessidade de verdade... (LÖWY 1996: 217-8).

Referências bibliográficas

ANDRADE, Cleide L., WILK, Cristiano B. & VASCONCELLOS, Maria da Penha C. “**Corpo e cultura e corpo e saúde: análise do suplemento semanal de um jornal paulista**”. *Saúde e Sociedade*. V. 13, nº 3, São Paulo: APSP, set-dez/2004, p. 58-67.

ARON, Raymond. *La sociologie allemande contemporaine*. Paris: Alcan, 1935.

BURKETT, Warren. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Forense Universitária, 1990.

DURKHEIM, Emile. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: PUF, 1956.

FOLHA DE S. PAULO. *Manual da Redação*. 3ª ed. São Paulo: Publifolha, 2001.

FOLHA DE S. PAULO. “**Mais saudável**”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: Folha, 24/06/2007a. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2406200720.htm>. Acesso em 13/01/2008.

FOLHA DE S. PAULO. “**Pergunte aqui**”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: Folha, 20/09/2007b. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2009200707.htm>. Acesso em 13/01/2008.

FOLHA DE S. PAULO. “**Sem Gordura trans**”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo: Folha, 22/02/2007c. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2202200707.htm>. Acesso em 13/01/2008.

GIACHETI, Linair J. M. *José Reis: a ciência que fala*. São Paulo: Annablume, 2006.

LESSARD, Claude. “**A universidade e a formação profissional dos docentes: novos questionamentos**”. *Educação & Sociedade*. Vol. 27, nº 94, Campinas, jan-abr/2006.



LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento* (trad. Juarez Guimarães e Suzanne F. Léwy). 5ª edição revista, São Paulo: Cortez, 1996.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial* (trad. Giasone Rebuá). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARTINS, Eduardo. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. 3ª ed, São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. 10ª ed, 6ª reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTORO, Luiz Fernando. “Televisão e Divulgação Científica: um espaço para o fantástico”. *Comunicação e Sociedade*. Ano IV, nº 7. São Bernardo do Campo: Cortez Editora / IMS, março de 1982, p. 101-6.

STAUTH, David. “Studies force new view on biology of flavonoids” *EurekaAlert!* Washington: AAAS, 05/03/2007. Disponível em: http://www.eurekaalert.org/pub_releases/2007-03/osu-sfn030507.php. Acesso em 13/01/2008.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

VENANCIO, Rafael D. O. *Difusão Metropolitana e Divulgação Científica*. São Paulo: Plêiade, 2007.

ZIRKLE, Conway (ed.). *Death of a Science in Russia: the fate of genetics as described in Pravda and elsewhere*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press: 1949.